

**UM CERRO DE
HISTÓRIAS**
Crônicas acadêmicas
da UFFS



**UM CERRO DE
HISTÓRIAS**
**Crônicas acadêmicas
da UFFS**

Concurso de Crônicas 2016
Universidade Federal da Fronteira Sul
Campus Cerro Largo

Coordenação do Concurso: *Ivann Carlos Lago*
Mariângela Brum Frota
Ana Cecilia T. Gonçalves
Lucas Rodrigues Piovesan

Banca de Seleção: *Geni V. Moura da Costa*
Demétrio Alves Paz
Ana Cláudia Porto

Equipe de Editoração:

Organização: *Mariângela Brum Frota*
Revisão: *Ana Elisa Bobrzyk*
Sheila Maria de Oliveira
Capa e diagramação: *Lucas Rodrigues Piovesan*

C417 Um cerro de histórias: crônicas acadêmicas da UFFS / Organizador: Ivann Carlos Lago, Mariângela Brum Frota, Ana Cecília Teixeira Gonçalves, Lucas Rodrigues Piovesan. - Cerro Largo : UFFS, 2017. -- 30 p.

ISBN: 978-85-64905-58-0 (e-book).

1. Literatura brasileira - Crônicas acadêmicas. I. Lago, Ivann Carlos. II. Frota, Mariângela Brum. III. Gonçalves, Ana Cecília Teixeira. IV. Piovesan, Lucas Rodrigues. V. Título.

CDD: B869.3

Sumário

<i>Histórias: apresentação.....</i>	<i>5</i>
<i>Crônicas Acadêmicas.....</i>	<i>7</i>
<i>A cadeira.....</i>	<i>8</i>
<i>A UFFS como agente de transformação social.....</i>	<i>10</i>
<i>Assombro e zelo no seminário.....</i>	<i>12</i>
<i>Cabelos ao vento.....</i>	<i>15</i>
<i>Cerro do conhecimento.....</i>	<i>16</i>
<i>Havia eucaliptos no meio do caminho!.....</i>	<i>18</i>
<i>Infinita(?) Highway.....</i>	<i>24</i>
<i>Novos sonhos.....</i>	<i>26</i>
<i>O clamor do velho Seminário por mais estudantes e os sentidos dos novos espaços de formação.....</i>	<i>28</i>
<i>Por favor, matem o capitão!.....</i>	<i>30</i>

lar, com publicações anuais. Afinal, se nossa intenção é manter registro das histórias não oficiais do campus, esse registro precisa ser contínuo para que cumpra o papel de preservar, de fato, as memórias que o constituem.

Assim, eis que Um Cerro de Histórias torna-se substância de mais uma história do Campus Cerro Largo. E, quem sabe, uma edição futura deste mesmo e-book traga uma crônica contando a história das crônicas e de como ela se iniciou. As “histórias não oficiais” tornar-se-ão, então, personagens de uma nova história, que contará a história de como as histórias do campus passaram a fazer parte da história...

*Ivann Carlos Lago
Diretor do Campus Cerro Largo*

Crônicas Acadêmicas

A cadeira **(Homenagem aos colegas da antiga Assessoria Pedagógica)**

Era uma simples cadeira, de madeira e palha, que acabou virando mascote do setor. Quando o mobiliário do campus universitário foi chegando, os móveis emprestados pela prefeitura municipal e pelo sindicato dos trabalhadores rurais foram sendo devolvidos, e ela, por descuido, ficou.

Destoava do ambiente, onde mesas novas e ostensivos computadores marcavam presença, mas era muito usada, pois aquela sala era o coração do campus. Ali ficava a única impressora, emprestada pelo diretor, trabalhando dia e noite. Professores e técnicos sentavam na cadeira para esperar a impressão do material de aula, provas e documentos.

Alguns técnicos chegavam para entrar em exercício e literalmente ficavam no corredor, esperando a designação para os setores. Uma mesa foi então improvisada na sala, com a já famosa cadeira, para que fossem acolhidos até ter um lugar de trabalho definido.

Tempos depois, com a infraestrutura do campus organizada e os setores funcionando, a cadeira foi parar na sala dos vigilantes. Levou com ela, simbolicamente, um pedaço da vida dos que aceitaram o desafio de construir um campus universitário numa pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul.

A singeleza da cadeira evoca o começo (ou o recomeço) da trajetória profissional dos servidores que integram o corpo docente e técnico de uma nova universidade, os sonhos e projetos partilhados, as dificuldades que não foram poucas.

Quando as lembranças dos dias de trabalho no antigo Sem-

inário São José, primeira unidade do Campus Cerro Largo da Universidade Federal da Fronteira Sul, ficarem esquecidas na bruma do tempo, talvez ela ainda continue lá, testemunhando que a estrada é longa, às vezes linda, às vezes sinuosa, e mostrando que o caminho, como disse o poeta, se faz ao caminhar.

Autora: Sheila Maria de Oliveira

Categoria: Servidores Técnico-Administrativos

A UFFS como agente de transformação social

Segunda-feira, primeiro de agosto de 2016, aula de Meio Ambiente, Economia e Sociedade, o professor, em sua aula expositiva, apresenta um vídeo com o título “O retrato da pobreza no Brasil”, tema relevante e que de certa forma nos comoveu, devido ao fato de apresentar a situação de extrema carência de uma parte da população do nosso país. Refletindo sobre esta problemática, dei-me conta de que a minha situação também já esteve nesse patamar e que a busca pelo conhecimento me resgatou de situação bastante dramática.

A história que vou contar não é necessariamente uma dessas histórias maravilhosas de superação, em que o vínculo com a universidade resultou em uma emocionante formatura, não que esta não seja desejada, porém ainda não foi alcançada.

Quando entrei na universidade em 2010, no curso de Ciências, esperava me formar rápido, ou, pelo menos, no tempo previsto, mas no decorrer das aulas fui me deparando com as dificuldades no conteúdo, devido à formação básica precária existente na escola pública de onde sou oriunda. Com dificuldades na aprendizagem, devido à minha carência de recursos financeiros, que dificultavam minha permanência na universidade, fui acumulando algumas reprovações e cheguei a desistir por alguns semestres. Afinal, mãe solteira de três filhos e desempregada ficava um pouco complicado uma maior dedicação.

Acredito que até este momento você, caro leitor, tenha achado neste texto apenas desculpas maçantes de uma acadêmica frustrada tentando se justificar, porém lhe garanto que não

há frustrações, apenas êxitos, pois o fato de eu ter acesso ao ensino superior abriu meus olhos para o mundo. Por meio do acesso à universidade, passei a acreditar no potencial humano, funcionou como um passaporte de acesso à dignidade. Vi-me em um universo de aprendizagem e conhecimento, onde eu podia ser uma agente transmissora do saber e transformadora da sociedade, onde passei a ser gente e protagonista da minha própria história, que acreditem, foi reconstruída. Hoje posso dizer que alcancei a cidadania plena, tenho um emprego, um teto para meus filhos e curso com tranquilidade o curso de licenciatura em Letras, no qual me sinto realizada. Tenho muita satisfação em ter como colegas de licenciatura meus dois irmãos, que também encontraram na universidade uma oportunidade ímpar de transformação social.

Hoje compreendo que o mundo mágico da leitura e do conhecimento produz sujeitos autônomos, protagonistas de uma sociedade mais humana e autores de suas próprias histórias.

Autora: Márcia Verônica de Lourenço

Categoria: Discentes

Assombro e zelo no seminário

Olho o relógio. O ponteiro menor no sete, o maior no doze...

Não é bem isto.

Visualizo a tela do smartphome, que indica 19 horas.

Entro no Palio velho de guerra e me dirijo a UFFS, onde tenho aula no curso de Mestrado.

Desço o Morro dos Perim pela Dr. João Sebastiany, rumo ao campus seminário, admirando a vista do entardecer em Cerro Largo.

Estaciono o carro em frente à capela do antigo Seminário São José, que milagrosamente escapou de um incêndio de grandes proporções, na década de 70.

Ao adentrar no prédio, que começou a ser construído em 1924, mas concluído apenas em fins de 1936, admiro embevecido sua imponência.

Muitos não sabem, mas o seminário que abriga um campus da Universidade Federal da Fronteira Sul sucumbiu diante de um sinistro. O educandário foi reconstruído, através de mutirão comunitário, e reinaugurado em maio de 1982.

Naquela noite, na única aula noturna do semestre, um fato inusitado chama minha atenção. É cedo e sou o primeiro a chegar. Logo duas colegas chegam. Uma delas quer providenciar água para o chimarrão. Mas para isso convida a outra para lhe fazer companhia. Na verdade não é um convite. É uma espécie de intimação.

Indago o motivo de tanto receio.

Ela confessa que o medo de andar pelos corredores à noite, tem a ver com comentários de que o lugar tem assombrações e que se ouvem barulhos exóticos seguidamente. Enfim, algo estranho, muito estranho ocorre por lá.

Na noite de 7 de outubro de 1978, a comunidade foi acordada pelo som vigoroso dos sinos da Igreja Matriz. O incêndio teve chamas que foram vistas de qualquer ponto da cidade e consumiram integralmente o prédio, poupando apenas a capela.

Damos risadas da situação e ela, demonstrando coragem, mas acompanhada pela colega, é claro, parte em busca da água para a mais tradicional bebida gaúcha.

Esta lenda urbana, pela qual o seminário é mal-assombrado, volta e meia povoa o imaginário de muitos que por ali têm a oportunidade de passar, pois o fato mais triste da tragédia, na época, foi a morte de um jovem seminarista. Encurralado pelo fogo, no terceiro andar, jogou-se pela janela e não resistiu aos ferimentos.

Diz a popular ficção, que a alma do rapaz está a perambular pelo seminário, causando ruídos extravagantes e atemorizando os mais assustados.

Os céticos dizem que tudo não passa de uma grande bobagem, pois num prédio antigo, cercado por muita vegetação, com algumas árvores de grande porte inclusive, são perfeitamente naturais sons indecifráveis e inexplicáveis.

Os mais crédulos, porém, afirmam que a trágica morte estaria impedindo o espírito do jovem de seguir o curso natural, rumo a um plano superior.

De minha parte, sou adepto daquele velho e surrado dito castelhano, “Yo no creo en brujas, pero que las hay, las hay”. Os sussurros têm alguma ligação com a arquitetura e a natureza do lugar? É uma hipótese interessante. A alma do seminarista estaria a vagar por ali? Quem sou eu para duvidar.

Apenas penso, cá com meus botões, que se, de fato, alguma força sobrenatural habita aquele local, certamente que não é para causar assombro algum. Onde já funcionou uma institu-

Cabelos ao vento

O RU recém abre. Estou faminta, porém ansiosa para voltar para o bloco A, pois o dia está ensolarado, e sei o que me espera lá em cima. Termino de almoçar e subo para o bloco, contente por poder, ao menos por um tempo, ficar com meus amigos até que a aulas recomecem. Finalmente deito na grama, sob o Sol. Não há sequer uma nuvem no céu. Então, tiro as roupas quentes de inverno e deixo minha pele à mostra. Abro os braços em direção ao Sol, fecho os olhos e me deleito com a energia recebida em forma de calor. Permaneço assim por vários minutos. Às vezes o vento está forte, mas não vejo desvantagem nisso. A sensação de frio só aguça meus sentidos, e me faz o ser mais sortudo do mundo por sentir algo tão bom. Ouço risadas atrás de mim, talvez alguém em tom de deboche, mas não me importo. Garanto que essas pessoas ainda não experimentaram os pequenos prazeres que nosso campus oferece, pois não há nada melhor que essa sensação de libertação, com meus cabelos ao vento.

*Autora: Karolina Natasha Jarochevski
Categoria: Discentes*

Cerro do conhecimento

A jornada de trabalho acaba e, para muitos, outra inicia. O caminho para Cerro é longo. Com curvas, paisagens diferentes e histórias distintas. Na segunda-feira, a conversa é um balanço do final de semana. Na sexta, o assunto são os planos. Mas não são em todos os dias que a fala se faz presente. Em alguns, a trilha sonora é o silêncio do cansaço, da concentração para uma prova. O silêncio do pensamento que disfarça o turbilhão de coisas que passa pela mente enquanto o olhar mira a janela.

Em outros momentos, a fala e o silêncio ganham fundos musicais diferentes, claro. Diferentes assim como a história de cada um dentro do veículo. Os objetivos de um não chegam nem perto das prioridades do outro. O um gosta de números e o outro de letras. Rotinas, planos, sonhos diferentes, mas destino igual: Cerro Largo, Universidade.

Pé para fora do carro e o que já era diferente continua, aumenta, se manifesta. Seja na porta do Bloco A, nos laboratórios, no RU.

O olhar para os lados encontra outras personalidades, jeitos, trajetórias. Cada um singular da sua maneira, único. A professora explica o conteúdo na frente da sala de aula e, em um “intervalo” na concentração, o pensamento te leva a outro rumo. É nesse momento, ao olhar para o outro colega, que a essência de toda essa vivência é reconhecida. É nesse momento que se percebe que o conhecimento não tem tamanho, raça, cor, religião. Que ele não depende da moda, do corte de cabelo, nem da quantidade de dinheiro dentro da carteira.

Incrível como esse lugar, cheio de diversidade, nos faz iguais através do conhecimento.

Autora: Raíza Goi Borba

Categoria: Discentes

guém que sempre vivia às voltas com problemas de fígado e/ou estômago.

Pouco antes das 6 horas, estes dilemas iniciais já haviam passado. Estava pronto para mais uma viagem. Como morava próximo ao Seminário, local de onde saía o transporte, fui subindo o pequeno trajeto de uma quadra que me afastava do local do embarque. Chegando ao local do embarque alguns colegas já estavam aguardando a van que nos levaria a Chapecó. A van chega e o primeiro grupo embarca. Nestas viagens para as reuniões do CONSUNI cada conselheiro já tinha seu lugar cativo. Alguns por mania, outros por costume e outros ainda que precisavam de um espaço maior devido ao tamanho das pernas. É de conhecimento público que as vans não são os melhores veículos para acomodar as pessoas, ainda mais para viagens longas como essas. Fazer o quê, a nova universidade por construir justificava os sacrifícios iniciais.

O trajeto até Santo Ângelo normalmente era reservado para mais aquela cochilada, tentando compensar a interrupção do sono devido ao fato de ter que acordar muito cedo. Em Santo Ângelo, no trevo ou no Posto Carreteiro embarcavam conselheiros que residiam na cidade e que completavam a caravana a Chapecó. Era também o momento da primeira parada e uma corrida rápida ao banheiro sempre era aconselhável, pois o chimarrão começava a rodar depois dessa parada. O chimarrão era o companheiro inseparável nessas viagens, pois junto com ele vinham as conversas e as piadas. O papo rolava solto e não era mais “permitido” dormir a partir daí. A cada viagem algumas piadas novas surgiam, outras simplesmente se repetiam, mas serviam para animar o grupo. Por várias vezes falava-se em editar um livro de piadas para registrar as preciosidades.

Felizmente nesse dia o trânsito estava tranquilo e a viagem foi dentro da normalidade até chegarmos a Sarandi. O posto do Pingo era uma parada obrigatória. A ida ao banheiro, a reposição da água quente para o chimarrão e o café, este último especialmente para aqueles que não tiveram tempo de tomá-lo em casa, antes do embarque. Respirar um ar puro, descansar

um pouco as pernas e o resto também. Era um momento sempre importante na viagem. Alguns minutos depois a viagem seguiu. As novas conversas, as piadas que ainda restavam e, da mesma forma, as risadas. Quantas risadas dávamos nas viagens de ida para o CONSUNI. Na volta geralmente as risadas eram em menor intensidade, até porque, muitas vezes, as rusgas mais acirradas das reuniões diminuía o ritmo de piadas e descontração dominante nas viagens de ida a Chapecó. O trajeto depois de Sarandi sempre foi, sem dúvida, o mais complicado. A estrada estreita, sem acostamento, mal conservada e repleta de curvas fazia da viagem um perigo constante. A trepidação normal da van se intensificava, assim como também os solavancos dos buracos ao longo de todo o percurso.

Mas naquele dia algo diferente ocorreu. A van parou em uma longa fila de veículos que se formava um pouco adiante de Ronda Alta. Estranhamos a parada e começamos a perguntar pelo seu motivo. Ainda aguardávamos na van quando nosso motorista comunicou-se com outro que já nos deu a notícia de tratar-se de um protesto da comunidade indígena local. A estrada estava obstruída e sem previsão alguma de liberação. Era um bloqueio na localidade do Alto Recreio, no município de Ronda Alta, no Km 91. Bloqueio realizado pela comunidade indígena Kaingang que reivindicava melhorias na área da saúde e do saneamento básico. A rodovia estava bloqueada nos dois sentidos. Assim como também todos os acessos secundários, impossibilitando qualquer tentativa de seguir por possíveis desvios em estradas vicinais. Depois ficamos sabendo que se tratava de um protesto realizado em várias rodovias do estado do Rio Grande do Sul que passavam por comunidades indígenas.

Esperamos um pouco depois dessa notícia, ainda acreditando que poderíamos seguir viagem em seguida. Na medida em que os minutos iam passando alguns colegas começavam a manifestar-se no sentido de irmos até o local do protesto para vermos as perspectivas para seguir viagem. Vários motoristas e passageiros de outros veículos passavam pela van em direção ao local do bloqueio. Decidimos também ir até o local. Alguns

colegas foram primeiro, outros ficaram na van. Porém, logo depois já estávamos todos no local do bloqueio. Conversa vai, conversa vem, alguém deu a ideia de conversarmos com o Cacique da Aldeia Indígena do Alto Recreio no sentido de explicarmos nossa situação e pedir a liberação do grupo da UFFS para seguir viagem por tratar-se de uma importante reunião do Conselho Universitário. Novamente alguém deu a brilhante ideia de que o Diretor do Campus fosse até o Cacique para fazer a dita conversa.

Depois de uma hesitação inicial, até achei interessante a ideia e propus que alguém me acompanhasse. Fomos até o grupo mais próximo do local efetivo do bloqueio da rodovia e pedimos informação de como poderíamos conversar com o Cacique da Aldeia. Um dos senhores lá presentes nos indicou o Cacique. Tomamos coragem e fomos até ele. O mesmo nos recebeu muito atencioso. Apresentei-me como o Diretor do Campus Cerro Largo, da Universidade Federal da Fronteira Sul. Tratei logo de fazer uma conversa toda sobre a Universidade, sua proposta e seu compromisso com os povos indígenas. O Cacique nos ouviu com atenção. Eu já estava empolgado, certo de que ele nos liberaria e poderíamos seguir viagem. Depois da minha fala, ele me olhou nos olhos e me disse calmamente: “Na sua Universidade o senhor até pode mandar, mas aqui mando eu. Vocês não irão passar, não adianta insistir”. Sem saber como reagir, até mesmo porque me havia surpreendido totalmente com a resposta, agradecemos a atenção e fomos nos retirando de mansinho. Os colegas que nos acompanharam na conversa não sabiam se davam risada da minha situação ou da resposta do Cacique.

O certo é que, depois que nos afastamos da presença do Cacique, as risadas rolaram soltas. O pior de tudo foi chegar ao local onde estava o restante do grupo e dizer a eles qual tinha sido a resposta do Cacique. A sorte foi que não precisei dar esta resposta, pois os colegas que me acompanhavam se encarregaram disso. Não só brincaram com a situação como também ajudaram a fazer com que o tempo passasse enquanto esperávamos uma possibilidade remota do trânsito ser liberado. Estáva-

levou um vareio (como se diz na gíria do futebol) do Cacique da Aldeia do Alto Recreio. Um bom almoço nos deu energia suficiente para a viagem de retorno. Retorno um pouco diferente dos anteriores, pois os comentários das nem sempre pacíficas sessões do CONSUNI foram substituídos pelas brincadeiras com o ocorrido e com o dia em que não chegamos a Chapecó porque havia eucaliptos no meio do caminho.

Autor: Edegar Rotta
Categoria: Docentes

Infinita(?) Highway

É um longo caminho, pensei. Será que consigo? “Nada é fácil! ”; “Há que se batalhar para alcançar o que se quer”, frases que estão em todos os lugares e que tentam nos motivar a seguir em frente, a enfrentar mais um dia de nossa existência pautada em pagar as contas que vencem no fim do mês. Sem lembrar das contas ou das frases de motivação, iniciei minha caminhada.

A passos lentos e cheios de medo de não chegar até o fim, avançava pouco a pouco. “Você não pode começar algo e não acabar”, eles dizem. Não é permitido fracassar. Erros são para aqueles que não sabem o que querem, que vacilam no meio do caminho e não são capazes de aguentar os percalços que a vida impõe a todos. É preciso ser forte e seguir caminhando, mesmo que tudo dentro de você implora para parar. Você não pode parar.

Eu parei. Parava pouco a pouco para respirar e observar o que estava ao meu redor. De que serve caminhar se você não olhar para o lado, se não observar com calma aquilo que te cerca e que você vai, pouco a pouco, deixando para trás? A caminhada de nada serve se você não souber por onde passou.

Quando cheguei na metade do caminho, sabia que estava mais próxima de chegar onde queria, mas também sabia que seria mais difícil do que antes, porque tudo sempre fica mais difícil perto do fim. O fim não é apenas um momento, ele é a soma de tudo que você já viveu, e que está prestes a abandonar de vez. Esse “tudo” virará apenas lembranças, fotos na memória

externa de seu celular, músicas que te embalaram durante aqueles momentos que você viveu até chegar ao fim.

Mas o fim ainda estava distante, e eu precisava seguir. Era o momento mais difícil aquele que estava por vir, o mais desafiador, não somente por ser o trecho mais íngreme que eu iria enfrentar, mas também porque, somadas todas as dificuldades que eu encontraria neste trecho, estavam todas as dificuldades que eu já havia deixado para trás, e que agora retornariam à minha mente e ao meu corpo. O peso daquilo que você já viveu sempre aparece nos momentos mais difíceis da sua vida, seja para o bem ou para o mal, e você precisa aprender a viver com isso.

Carregando nas costas todo o peso daquilo que já havia se tornado parte do meu passado, eu seguia. O cansaço me castigava cada vez mais, mas eu precisava seguir. Desistir depois de chegar tão longe seria mais uma frustração difícil de lidar, pois, por mais que elas fossem constantes em minha vida, é sempre difícil lidar com a certeza de que você não foi capaz, de que você não é capaz de fazer tudo, de que você vai cair um dia, de que vai sim fracassar em algo que você queria tanto fazer.

Mas não seria aquele o momento de mais um fracasso. O cansaço deu lugar ao alívio de saber que eu havia conseguido. Sim, eu estava lá. Eu estava onde queria estar desde que comecei a caminhada, lá atrás, sabendo que seria duro, que demoraria, que eu sofreria, mas que ia chegar. Você não perde todas as vezes, pode ter certeza. As coisas não são iguais. As frases de motivação, às vezes, carregam um pouco de verdade. Você vai sempre alternando momentos. Felizes, tristes, ou nada disso. Dessa vez eu venci. Depois de uma longa e difícil caminhada, eu havia chegado ao bloco A.

Autora: Sabrina Ferraz

Categoria: Discentes

Novos sonhos

E com o passar do tempo algumas palavras passam a ter novos sentidos, novos valores, novas emoções... o que te faz lembrar as palavras “sonhos”, “festas”, “músicas”, “jovens”, “seminário”, “capela” “sinos tocando”?

Volto no tempo e te convido a vir comigo... em uma noite trágica o seminário São José pegou fogo. Os sinos tocando chamavam a todos para socorrer o que fosse possível. Eu ainda criança me recordo muito pouco, porém aquele som, nunca esqueci. Foi preciso reconstruir e, para arrecadar fundos, a comunidade, além das doações, fazia anualmente a tradicional festa do seminário, com muita música, churrasco e sonhos (bolinho frito recheado com doce de leite ou goiabada, coberto por açúcar). No seminário aconteciam frequentemente os encontros de jovens, onde além de orações e projetos, também rolava muita paquera. Foi o início de muitas famílias (inclusive a minha). Na capela celebravam-se missas diversas, de batismo, casamento, morte, festivas e tradicionais.

Com o passar do tempo, o número de seminaristas foi diminuindo, até não termos mais nenhum. O seminário passou a ter poucas atividades e foi perdendo sua juventude, o prédio foi tornando-se silencioso, sem altas risadas, sem promessas de amor, sem beijos escondidos, sem sonhos...

Mas como num passe de mágica ou não, o seminário veio escrever uma nova história na pequena cidade de Cerro Largo. Depois de muitas reuniões, projetos, votações, em um final de tarde anunciava-se com muitos foguetes a notícia de que fomos

escrita da história na Universidade Federal da Fronteira Sul.

Rapidamente a Instituição cria sua identidade visual, alicerçada em sua atual territorialidade: pública, popular e democrática. A UFFS cresce e foram criados cursos de graduação, extensão e pós-graduação.

Nos três andares de um sólido ambiente propício ao estudo e à aprendizagem, merece destaque a aprovação do primeiro Mestrado Acadêmico: Desenvolvimento e Políticas Públicas. Mais um passo adiante e logo a Universidade instalou seu segundo Mestrado: Ambiente e Tecnologias Sustentáveis. Áreas diferentes, objetivos que se cruzam, alterar paisagens e melhorar a vida nos lugares.

Em meio a toda essa estrutura revitalizada, o lugar escolhido para reunir as pessoas, chama a atenção. Curiosamente foi o único local do prédio a resistir ao incêndio de grandes proporções que ocorreu nos anos 70, a capela, com características art-deco, adaptada em auditório.

Ao redor do mundo se tem notícias de igrejas transformadas em livrarias, cafés, casas, lojas e restaurantes. Neste caso, o Seminário registra as marcas do sagrado que se fazem presentes igualmente. É chegado o tempo de consolidar a necessária transição e recriar novas identidades!

Mesmo que as fachadas tenham sido alteradas e a natureza administrativa também, permanece inalterado o clamor do velho Seminário por mais estudantes, e o sentido último de construir novos espaços de formação continua sendo um desafio.

Tem-se uma urgência histórica pela frente: sair dos contornos exclusivos da cultura religiosa originária. Aproveitar o local, esta é a palavra. O espaço agora é público. E, como tal, há de se produzir novos sentidos aos jardins planejados da antiga escola de formação, sob as bênçãos de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da gruta e que acolhe a todos na entrada do velho Seminário.

Autor: Ângelo Felipe Zuchetto Ramos
Categoria: Discentes

Por favor, matem o capitão!

Em meados de 2014, participei como bolsista em um projeto de pesquisa. Éramos num total de doze bolsistas, mas naquela noite estávamos entre cinco. Mal sabíamos o que nos esperava pela frente. A noite seguia relativamente normal, escrevendo alguns artigos, alguns projetos, leituras e mais leituras recomendadas. Uma colega adentra no banheiro. Sai horrorizada. Uma expressão. Um misto de pavor e risos. Ela comenta alguma coisa, não damos bola, afinal de contas estávamos concentrados em nossos trabalhos. Passaram alguns minutos e fui ao banheiro. Eis que eu entro no banheiro “bem sim senhor ” e levanto a tampa do vaso. Palavras não conseguem expressar o que eu senti. Susto, surpresa, risos, nojo. Chamei enlouquecidamente o resto do pessoal para ver aquilo. Tinha um capitão tamanho família, um marinheiro mais grosso que um rolo de papel higiênico boiando dentro da privada. Até hoje não sabemos quem foi o autor daquela obra de arte, temos nossas suspeitas. Mas é preferível não saber. No outro dia, chamaram o pessoal da manutenção para que despachassem o capitão marinheiro. Rimos até hoje dessa história. São momentos como esse que tornam a UFFS inesquecível.

Autor: Rafael de Mello Pinheiro
Categoria: Discentes

Cerro Largo, setembro de 2017.



A história da UFFS ainda é bastante breve. Mas já é extremamente rica. Uma história rica de tudo, inclusive de histórias...

Foi pensando nessas experiências que tivemos a ideia de lançar um edital de crônicas sobre a vida no Campus Cerro Largo da UFFS. Nossa intenção foi criar um espaço onde as pessoas pudessem contar as “histórias não oficiais” que viveram e/ou presenciaram no campus, e que não ficaram registradas nos documentos da instituição. Histórias que não são contadas em relatórios nem apresentadas em eventos acadêmicos, mas que constituem o substrato que dá vida ao campus, que marcam as pessoas que as viveram, que redefinem identidades, que criam e reforçam laços, que se prendem em nossas memórias, nelas fixando, para sempre, a UFFS.

